



Director literario:

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Augusto de Santa-Rita', is written over the text.

PAPIM

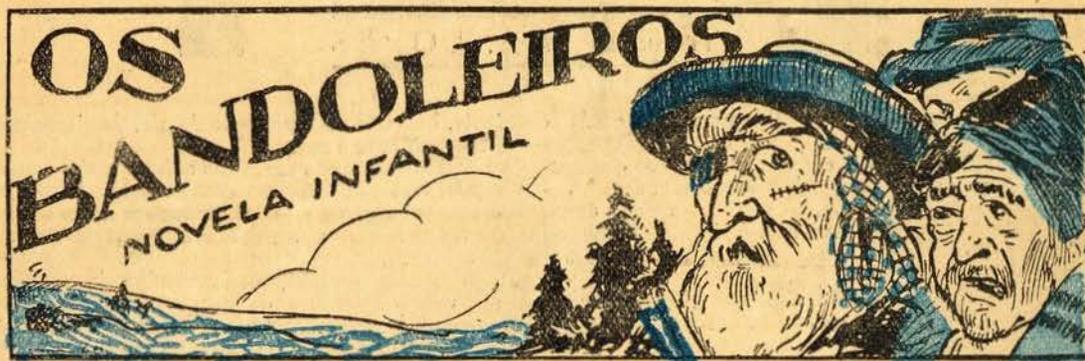
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Eduardo Collares', is written over the text.

PAPUSSE



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de A. CARDOSO LOPES

(Continuação do número anterior)

Na manhã seguinte, quando a velha criada de quarto de Milita, lhe bateu levemente à porta com o habitual pequeno almoço numa salva de prata, estranhando que a sua menina lhe não respondesse, tornou a bater com mais força e, como nem mesmo assim obtivesse resposta, abriu a porta, ficando surpreendida com a sua ausência e, mais, por encontrar a janela aberta donde pendia, ainda, a longa escada de corda. Correu, alvoroçada, ao quarto de D. Mafalda e logo após ao de Jorge de Moraes que, mal receberam a estranha nova, correram por sua vez ao quarto de Milita, onde tiveram a confirmação do rapto.

Mil hipóteses foram imediatamente formuladas, terminando por se convencerem de que Milita fôra violentamente raptada por Rapina que, mais tarde ou mais cedo, como dissera Mario de Sousa, faria pagar bem cara a sua generosidade. E já se acusavam de haver sido excessivamente ingénuos, acreditando na magnanimidade dum bandoleiro, dum salteador de estrada.

Despindo o «pijama» e envergando o seu traje habitual da rua, Jorge mandou aparelhar a liteira, seguindo nela a casa do administrador onde conferenciou com este e seu filho que, com ar de de-



(Continua na pagina 4)



# CAÇADA AO ELEFANTE

: Por G. BUSSEY :

Tradução de A. LOPES



O decurso da campanha na África Oriental tive várias ocasiões de caçar elefantes e consegui apanhar um bom número deles. Os meus tiros eram dados com uma espingarda «Mauser», apreendida, não me lembro a quem.

Devido a isso, fiz sempre uso do tiro *ae cabeça*, isto é, apontado à altura da fonte, entre o olho e a orelha. O meu principal objectivo era sempre arranjar carne para os indígenas,

sem ser obrigado a tirar os grandes dentes; portanto, aproveitava os mais próximos e os mais fáceis de encontrar embora adultos.

A consequência era que a maior parte dos meus elefantes ou caíam ao primeiro tiro, ou partiam com uma ferida leve na cabeça e não se tornavam a vêr.

Este caso, porém, não se dava com muita frequência...

Proponho-me pois relatar uma aventura que me sucedeu com um certo elefante.

Andava eu explorando o distrito de Liwale. Nessa ocasião, as forças alemãs estavam divididas em dois corpos. Um, operava sôb as ordens do general Von Lettow Varbeh, na ária do Lindi-Messi e o outro sôb o comando do coronel Taffel, no distrito de Malange. Liwele estava na linha directa de comunicação entre os dois e era, portanto, uma base alemã e as patrulhas constantemente apareciam nas proximidades.

Resolvera mudar a minha posição, depois de escurecer, para poucas milhas a dentro do mato, evitando cuidadosamente todos os caminhos.

Acampamos, já de noite, à margem do rio Njese, que descia das altas montanhas, acima de Tundura, ao norte de Mdarenganda.

De manhã cedo, um dos indígenas saiu a buscar água para o meu café matinal. Demorou-se alguns minutos e voltou correndo, num grande estado de excitação. Quando conseguiu tomar o fôlego, disse que tinha visto um grande ele-

fante, bebendo do outro lado do rio. Implorou-me que seguissemos para o matar.

Estávamos muito longe das aldeias e das estradas principais, mas estávamos, em compensação, muito a dentro do campo inimigo e a empreza tornava-se muito arriscada.

Hesitei, mas a tentação era tão forte que decidi arriscar-me...

Puz-me a caminho, acompanhado pelo indígena que tinha visto o elefante e do meu melhor caçador, um velho guerreiro de nome Caatawere. Descemos o rio, atravessando o capim alto, que nos salpicou de orvalho e, antes de termos percorrido duzentas jardas, estávamos encharcados. A corrente parecia ser um «rio de areia», assim chamado, por ser formado por um leito largo e arenoso com um fio de água de poucas polegadas apenas de profundidade.

Atravessámos a areia e chegámos ao ponto onde o elefante havia bebido. Tinha deixado um enorme rasto, conseguindo beber água pelo processo de abrir um buraco na areia com a trombra.

Mandeí o indígena para o acampamento preparar o almoço e segul com Caatawere.

O rasto era fácil de seguir, porque o elefante ia andando e comendo com todo o seu vagar. Percorrido mais ou menos uma milha, avistámos-lhe, finalmente, o vulto.

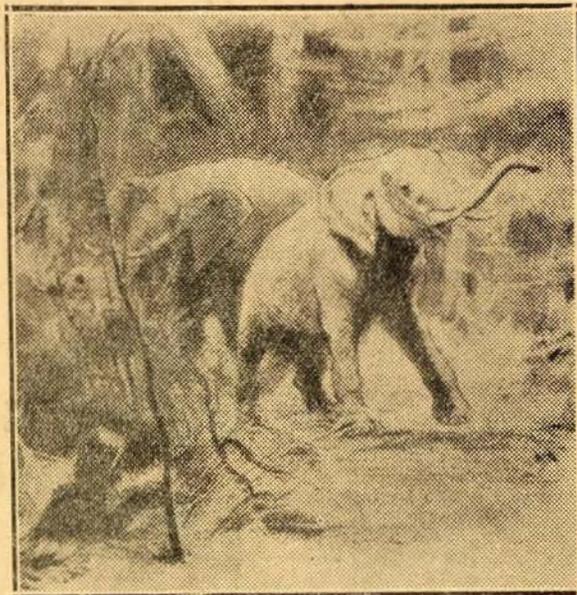
Era um formoso exemplar e parecia ter magníficos dentes. Decidi atacá-lo de flanco. Depois de cinco minutos de marcha cautelosa, fiquei a oitenta jardas de distância.

Ele espojava-se na terra e, pouco depois, tomou uma posição que me impossibilitava de fazer o meu tiro favorito.

Agora, a distância tinha crescido mais trinta jardas. O vento era muito forte, mudando a direcção a cada momento e, por isso, não quize esperar mais tempo. Ajoelhei, fiz cautelosamente a pontaria e... pum!... Não sei onde a bala bateu. Em

todo o caso, verifiquei que tinha errado a cabeça, porque, em lugar de estrebuchar, partiu a fugir muito cheio de vida, pelo mato dentro.

Contrariado pelo mau tiro, segui correndo o rasto do elefante. Este ia perdendo bastante sangue, mas não podia haver esperança de que a ferida fôsse na cabeça e



não tive tempo de lhe mandar segundo tiro. Depois de termos seguido o rasto durante mais de uma milha, levou-nos até à entrada de um mato muito cerrado.

Subitamente, sem a menor prevenção e à curta distância de trinta jardas, o elefante avançou direito a nós, saindo do mato, com a tromba erguida e as orelhas largas assobiando como uma se-reia estridente e mostrando um aspecto verdadeiramente aterrador. Tudo isto se passou tão rapidamente, que nem tive tempo de atirar de novo, antes d'ele se achar na nossa frente.

Corri para traz de uma árvore e fiquei imóvel com o coração a bater desordenadamente.

Caatawere perdeu completamente a cabeça, soltou um grito medonho e fugiu para salvar a vida.

O elefante viu a sua figura deslocar-se e perseguiu-o.

Ao passar por pé de mim, tive ocasião de observar a sua enormidade. Fiz fogo contra o seu ombro e tão perto estava, que o meu rosto não distava mais de duas jardas do seu corpo. Pareceu-me que o tiro não fizera efeito algum, pois que o animal correu direito ao mato, despedaçando-o. Corri em sua perseguição. Daí a pouco viu-o na minha frente; sapateava no chão e ao mesmo tempo andava à roda...

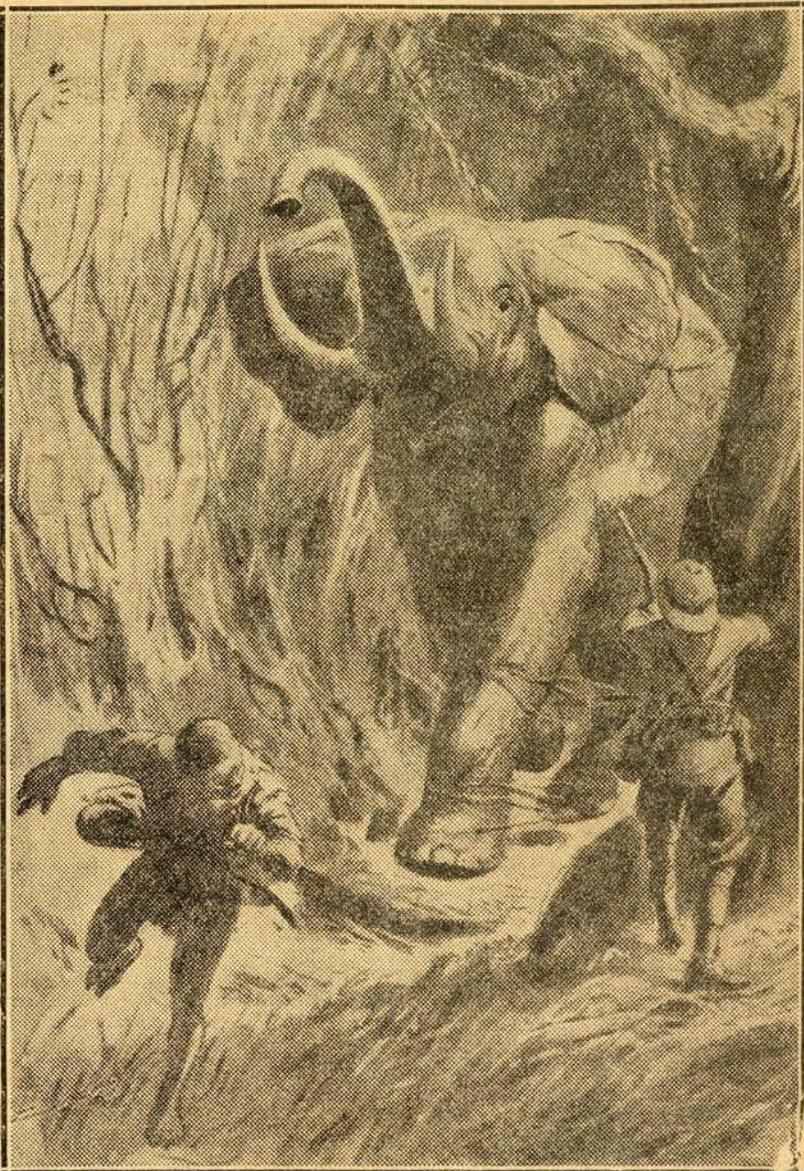
Veio-me à ideia, a hipótese de que o meu tiro houvesse produzido efeito e que aquelas voltas fossem um preparativo para a queda final. Em breve, porém, veio a desilusão. O animal vendome, fez um novo avanço para mim. Desta vez, porém, estava preparado para o receber.

Com um tiro feriu-o em pleno peito e êle desapareceu no mato. Dirigi-me na direcção que levava e vi, então, que o que me tinha parecido fraqueza, fôra uma demonstração de terrível ferocidade.

Tinha apanhado o pobre Caatawere e, quando eu o vi, estava êle empenhado em reduzir o pobre rapaz a uma massa informe.

Voltei para o meu campo, mandei buscar os restos do corpo e enterrear tudo o que restava do meu pobre caçador, e, com todos os meus indígenas parti, seguindo a pista do elefante.

Tinhamos já andado umas dezassete milhas quando percebi



que nos estavam aproximando demasiado do centro inimigo. Compreendi que não era seguro ir mais além. Tivemos, portanto, que retirar, com o pesar de deixar o pobre Caatawere sem vingança.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

## Adivinhas

Qual é o mar da Europa que é uma parte do corpo humano?

Qual é o mar da Europa que tem o nome de um conjunto de ilhas?

Qual é o cabo da Espanha que é um barco?

Qual é a cidade espanhola que é um objecto usado nas peças de artilharia?

Qual é a cidade francesa que é um animal fezoz.

## Anedota

Calino foi ao teatro. Em certa scena o assassino fugia por uma porta, quando o marido da vítima entrava em casa por outra gritando: Se te apanho miserável...

Calino, pondo-se em pé, gritou-lhe do seu lugar: — Corre por aquela porta que ainda o apanhas.



# OS BANDOLEIROS



(Continuação da pagina 1)

pective, impava de orgulho pela argúcia e faro policial que imaginava possuir.

Entretanto o Dr. Fernando Reis, depois de muito bater à porta do *Albergue dos Peregrinos* sem que ninguém lhe respondesse, começou a ter a suspeita de que elle houvesse fugido e levado consigo a infeliz Milita. Convencido d'este facto que era uma realidade, Fernando sentou-se pensativo num degrau de pedra, na vaga esperança de que elle ainda apparecesse, e a scismar no grande desgosto que iria dar a António, aparecendo-lhe em casa sem Milita nem novas suas ao menos. Nisto, uma pombinha branca começou a adejar em sua volta. Fernando, pensativo e abstracto, seguiu-a com o olhar. Súbito, reparou que a pomba trazia presa a um pé uma folha de papel, dobrada. Num impulso de curiosidade ao vê-la poisar perto caminhou para ela que se deixou apanhar. Então, ao desdobrar o papel, com linhas escritas a lápis, teve uma imensa alegria. Milita assinava a pequenina carta que dizia: — «Sòsinha, na cabana da bruxa Ti'Benta que foi assassinada por «Mata e Esfola», estalajadeiro do «Albergue dos Peregrinos», imploro socorro immediato. Milita — filha do capitalista Jorge de Morais, morador na quinta das Conchas em Santa Iria.»

Radiante, sem perda de um minuto, Fernando tornou a montar, esporeou o cavallo e meteu a ga-

lope, ao acaso. Chegado a uma pequena povoação perguntou a vários aldeões se sabiam onde ficava a cabana da Bruxa Ti'Benta. Como ninguém o soubesse informar, retrocedeu caminho e, chegado a uma encruzilhada, meteu pela direcção oposta, indo dar a uma nova povoação onde encontrou finalmente, uma velhinha que o informou: — «Ti'Benta desapareceu misteriosamente, meu senhor. Cã a mim não me tiram da idéa que a mataram para a roubar. Morava numa cabana a duas léguas daqui.

— «E qual o caminho a seguir para lá chegar?!» perguntou Fernando que a velhinha tomou por um agente da policia.

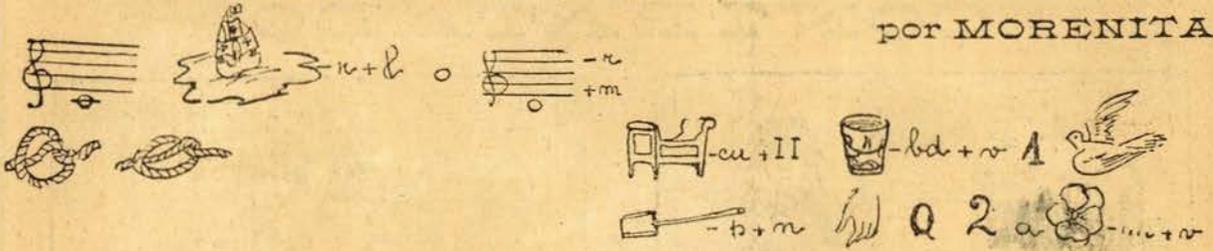
— «Sempre a eito por este caminho de cabras», (murmurou a velhinha indicando um árido trilho entre pedras e cardos, e acrescentou solícita: — «ao fim duma azinhaga onde o caminho vai dar».

— «Obrigado, santinha» — volveu Fernando à velhota que rematou com bondade: — «Deus o leve em paz!...»

Vinte minutos depois já Fernando avistava, junto à cabana, o vulto de Milita acenando um lenço, aflitivamente, como quem pede socorro. Uns segundos após, Milita abraçava, chorando e rindo de alegria, o querido salvador, que logo reconheceu

# Enigmas pitorescos

por MORENITA



## Solução do enigma pitoresco do número anterior A PALAVRAS LOUCAS ORELHAS MOUCAS

assim que este se aproximou. Porém a sua alegria, súbitamente, toldou-se por momentos.

— «Que seria feito de Rapina que tão inesperadamente lhe fugira e a deixara só no *Albergue dos Peregrinos*?! Qual não foi, pois, o seu espanto, quando, ao expressar a sua máguia e o seu pensamento, ouviu de Fernando a extraordinária revelação de que Rapina era o seu querido Titó, o adorado filho que lhe haviam roubado. E o Dr. Reis, emocionado como ela, relatava tudo que se havia passado até ao momento em que a pombinha branca lhe levou a carta que o conduziu ali, o tiro que dera no filho, tomando-o por um ladrão, a confissão do seu amor por Milita e o pedido de que a viesse buscar.

Ouvindo-o, já sôbre a sela do fogoso cavalo de Rapina, em desfreado galope, Milita cuidava-se a sonhar, numa imensa alegria, confiada em que Rapina resistiria à operação a que ia sujeitar-se.

Absorvida por tais pensamentos, viu-se, de repente, ao portão do solar de Santo António onde

o cavalo, relinchando, estacou. Finalmente! Ia tornar a ver o querido companheiro de tantas horas de enção e de viva anciedade!

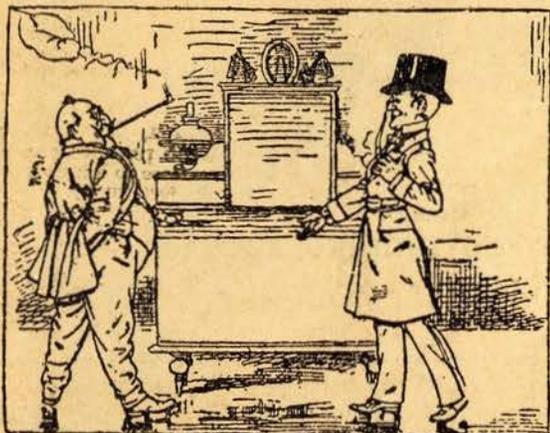
No momento em que iam subindo velozmente a escada do «hall», descia, ao mesmo tempo, o Dr. Rui Silves que acabava de proceder à extracção da bala do operado. Anciosamente, ao vê-lo, Fernando, apertando freneticamente as mãos do seu colega operador, inquiriu do resultado que logo adivinhou satisfatório pelo ar sorridente com que Rui Silves o tranquilizou, exclamando por fim: — «Do que o seu filho precisa agora é de absoluto repouso. Poupar-se-lhe qualquer especie de comoção violenta que poderia ser-lhe fatal.» E, felicitando-o por Deus lhe haver retribuído seu filho, há tantos anos perdido, Rui despediu-se de Fernando, cumprimentando respeitosa e nervosamente Milita que escutára com manifesta anciedade.

Para poupar a seu filho uma intensa comoção, Fernando, entrando com Milita em bicos de pés no gabinete de trabalho deste, resolveu mandar chamar D. Isabel a fim de conferenciar com ela e decidir o melhor destino a dar provisoriamente a Milita.

(Continua no próximo número)



## CONTRATADO



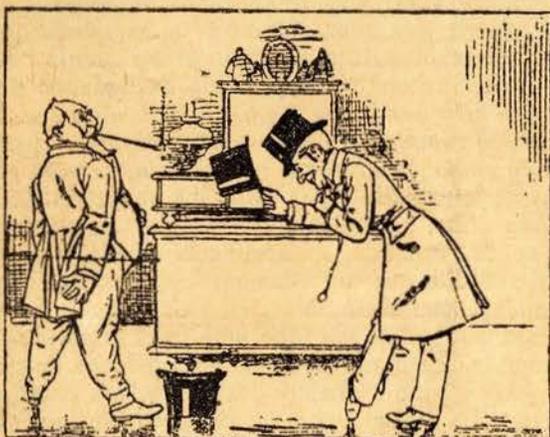
1

O director do circo: - O senhor vem solicitar-me trabalho, e nem sequer tira o seu chapéu!...



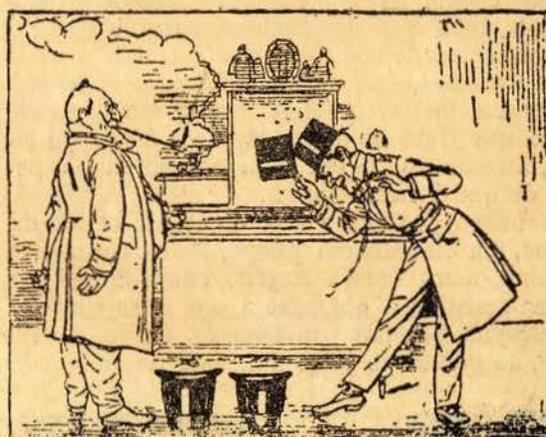
2

O artista: - Ora essa, pois não...



3

... peço-lhe .



4

.. mil perdões.



5

... e espero...



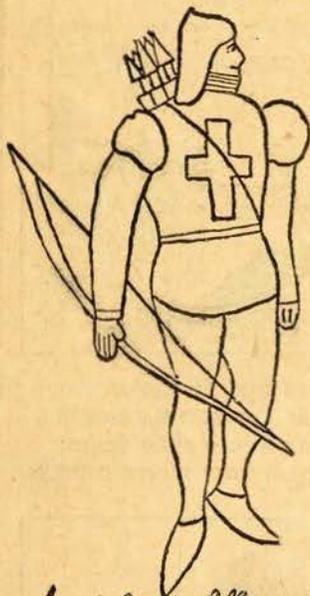
6

que desculpara.

# Hora de Recreio

COLABORAÇÃO  
INFANTIL

UM GUERREIRO



Luís de An. de Albuquerque  
12 anos  
Coimbra, 1927

## ADIVINHAS

1.<sup>a</sup>—Qual é a terra portuguesa onde ha lebres?

2.<sup>a</sup>—Qual a terra portuguesa onde ha mel?

3.<sup>a</sup>—Qual a terra portuguesa que é o conjunto dum arbusto que se cria à roda das ribeiras?

4.<sup>a</sup>—Qual a terra portuguesa que é árvore, arma eligadura?

5.<sup>a</sup>—Qual a terra portuguesa com que se faz negócio?

P  
A  
L  
A  
V  
R  
A  
S  
  
C  
R  
U  
Z  
A

D  
A  
S  
  
e  
  
A  
D  
I  
V  
I  
N  
H  
A



Qual está a mamá?



### Enigma pitoresco infantil

ENIGMA PITORESCO POR ANTONIO CALAUS

Uma noite o

-ro + dinheiro

-gua + gava

-ro + dim

+ u o

-go + lho

-o + rão

+ z

-as + ou

-chap 2

+ ladas

-ro + dinheiro

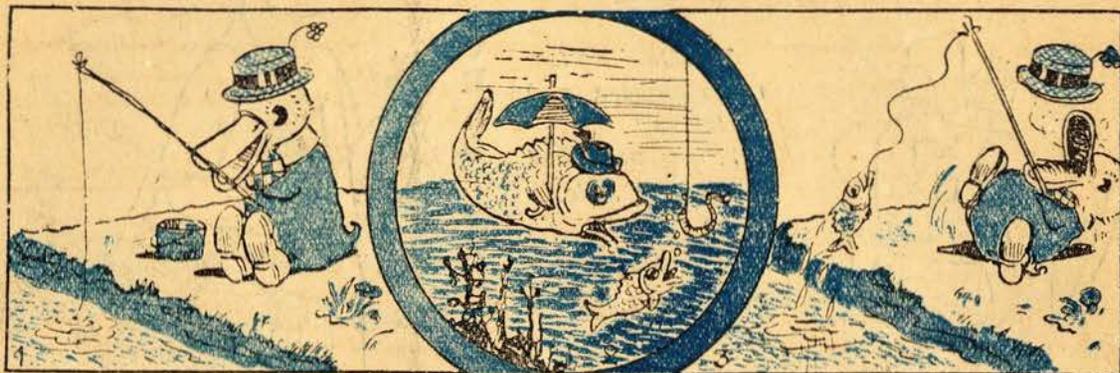
-b + f

-e + p a

-char

# TIC-TAC

## PESCADOR DE GATOS...



«Tic-tac» não desdenha de pescar nas águas turvas, e gosta de ver as curvas, que o peixe n'água desenha.

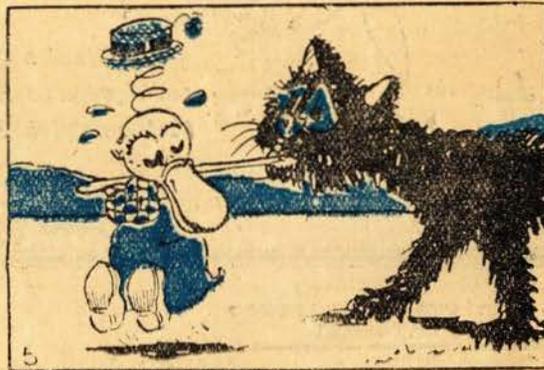
A mamã, Marmota arisca, repreende o seu bebé que abre a boquinha mal ve num anzol luzir a isca.

E para que se não queixe de não lhe darem conselho, confirma-se o rifão velho: — «pela bôca morre o peixe».



De palhinhas, petulante, «Tic-tac» todo «chic» Tic-tac-tac-tic... volta a casa radiante.

Mas um maltês, no caminho, vendo-o prêso no anzol, correndo, lépido, engole o apetitoso peixinho.



O pior—(quem tal dissera!)—foi que, mal o gato o aboca, ficou prêso pela bôca como ao peixe acontecera.



Então «Tic-tac» ufano, todo impante de alegria, ao Reino da rataria conduz o grande bichano.

Pelos ratinhos, depois, vendo o maltês embuchado, «Tic-tac» é aclamado como heroi, rei dos herois.